

A caligrafia de Olivia

O passado e o presente na América de Philip Roth

PEDRO GONZAGA

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em Literatura Brasileira (UFRGS)

ROTH, Philip. *Indignação*. Trad. Jorio Dauster.

São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 176p.

LEMBRO QUE ATÉ 1997 A SEITA DOS ROTHIANOS NO BRASIL NÃO PASSAVA DE UM PEQUENO e secreto grupo de fanáticos. E como todos os membros de seitas secretas, em parte profetas, em parte possessos, dava-nos raiva ver aqueles leitores que associavam o autor americano apenas a seu livro de maior sucesso, *Complexo de Portnoy* (ROTH [1969], 1976; 1982). Não raras vezes, ouvi, ao confessar minha admiração, piadas infames como “então você é um dos adoradores do ‘grande onanista’”, quando não a sórdida pergunta: “Você também é o terror dos bifes de fígado?” Sob essa ótica, era fácil, por comodismo e desconhecimento, enquadrá-lo na esfera de um certo humor judaico autorreferente e corrosivo, o que para nós – leitores de *Patrimônio* (ROTH, 1991), *Mentiras* (ROTH, 1991b), *O professor do desejo* (ROTH, 1977) e outras traduções perdidas em sebos – era não só injusto, mas também um equívoco. Semelhante fenômeno, a confusão e identificação do escritor com seu Alexander Portnoy, “o Raskolnikov da masturbação” (ROTH, 1976), ocorreu primeiramente nos EUA, sendo célebre a anedota da escritora que dizia apreciar o trabalho de Roth, mas que não apertaria sua mão caso o encontrasse. A bem da verdade, desde seus primeiros contos, o autor de *Lição de anatomia* (ROTH, 1983) seria acusado pelos setores mais conservadores da comunidade judaica de antissemitismo, de fazer o trabalho sujo dos *goim*¹.

Por aqui, o debate em torno da sua figura poucas vezes passava das peripécias manuais de seu herói ou das habilidades sexuais da Macaca, a sua primeira grande personagem feminina. A história da leitura de Roth no Brasil só começaria a mudar, de fato, com o lançamento da Trilogia Americana, um fabuloso painel dos momentos-chave da recente história dos EUA, trilogia iniciada com *Pastoral americana* (Guerra do Vietnã) (ROTH, 1998), *Casei com um comunista* (macarthismo) (ROTH, 2000) e *A marca humana* (fim da Era Clinton) (ROTH, 2002). O elemento que une as três narrativas é o personagem-narrador Nathan Zuckerman, alterego recorrente na obra de Philip Roth (deslocado, porém, na Trilogia, da função de protagonista a testemunha), que aparece pela primeira vez em *The ghost writer* (ROTH, 1979; 2007), então ainda um aprendiz de escritor, que tem a honra de visitar um grande mestre recluso, E. I. Lonoff, a quem vai mostrar seus textos. Lá conhece uma jovem misteriosa, Amy Bellette, que é, para o narrador, muito semelhante a como seria Anne Frank caso estivesse viva. Forçado a passar a noite na casa de Lonoff em função do mau tempo, Zuckerman acaba por descobrir os dramas que a aparente

vida estoica à la Tolstoi parecia esconder. A esta altura, estava maduro o estilo elegante e refinado, mas sem recorrer a arcaísmos, que caracteriza sua prosa até hoje, estilo que seria típico do que poderíamos chamar uma terceira ou quarta geração de escritores realistas, que começaram a escrever por volta do final da década de 1950 (em especial os americanos), para quem os experimentalismos formais não se revelavam um atrativo per se.

Aqui se falava, porém, do ano de 1997, ano em que saiu no Brasil a tradução de *O teatro de Sabbath* (ROTH, 1997), para muitos a obra-prima de Roth, a saga do velho titereiro Mickey Sabbath, lúbrico, voraz, um sujeito cujo ódio ao mundo só podia ser aplacado por Drenka, uma hoteleira de meia-idade, espécie de Lady MacBeth croata, que, assim como na tragédia de Shakespeare, morre com o coração tão branco, cedo demais, deixando o protagonista à deriva numa América que festeja o pênis decepado daquele pobre-diabo com mérito hoje esquecido, chamado John Bobbit. Roth começaria a revelar aos leitores brasileiros e aos que o julgavam autor de um só livro sua capacidade singular de usar as grandes fraturas de seu país ao longo do século passado não só como pano de fundo de suas obras das últimas duas décadas, mas, muitas vezes, como tema principal. Como bem define David Remnick (2006, p.137), em seu perfil literário de Roth, sobre *A marca humana*, “a história não é cenário; permeia a narrativa, a mente dos personagens e a tessitura moral do livro”.

Em sua primeira novela, *Adeus, Columbus*, de 1959 (ROTH, 1976), o autor já começava a delinear algumas das temáticas que viriam a ser recorrentes em sua obra: a assimilação dos imigrantes judeus, principalmente os da segunda geração, ao modo de vida americano (a família judia da namorada do protagonista ascende socialmente e começa a se comportar como novos ricos, já desarraigados, mas no

porão da casa nova ainda guardam – numa bela metáfora – toda a mobília da antiga casa que ocupavam no subúrbio judaico). Em pelo menos mais duas ocasiões o tema do judaísmo seria levado às últimas consequências: em *Operação Shylock* (ROTH, 1994), um falsário, que se faz passar por Philip Roth, prega em Israel um novo diásporismo; e em *Complô contra a América* (ROTH, 2005) temos uma fábula sinistra, que parte da ideia do que teria acontecido aos judeus americanos se o herói da aviação Charles Lindbergh tivesse vencido Roosevelt nas eleições de 1940 e os Estados Unidos não tivessem entrando em guerra contra a Alemanha. O cenário de antissemitismo do livro, segundo Roth, está baseado no preconceito nem sempre velado que testemunhou ao longo da própria infância em Newark.

O segundo tema constante na obra de Roth seria estabelecido no satírico *Our gang* (ROTH, 1971), uma fria e debochada análise do jogo de aparências da Era Nixon e que acabaria por marcar a postura política dos narradores de Roth, um ceticismo agudo e que não faz concessões. Parte da crítica tende a ver o tom humorístico e crítico da cena política como a visão do próprio autor. Alguns anos atrás, em entrevista para a televisão, a propósito do lançamento de *Homem comum* (ROTH, 2006a), o autor falou com extrema lucidez sobre a eleição fraudada por Bush e o desastre da política externa de sua segunda administração. Em tom consternado, ele disse:

Esta administração criminoso se apropriou do 11 de setembro para levar o país à bancarrota, para iniciar uma guerra inútil – e o que pode ser mais criminoso do que isso para apartar a América do mundo e eliminar o que ainda pudesse nos restar de prestígio. E agora o presidente do Irã pode escrever uma carta ao presidente dos Estados Unidos e eu tenho que balançar minha cabeça em concordância com as coisas que ele diz, es-

se sujeito, que é um monstro, tem algo a dizer para o nosso monstro, e isso é catastrófico².

Um terceiro tema, presente também desde os primeiros livros (e que vai se refletir claramente em *Indignação*, sua obra mais recente), é o confronto dos protagonistas contra o moralismo de fachada e o puritanismo que até hoje regem o *modus vivendi* da sociedade americana. O escândalo Clinton, “o verão da santimônia”, na expressão de Zuckerman em *A marca humana*, a vexatória confissão pública do estadista, ainda estão presentes na memória do Ocidente. Contra esta invasão do público sobre o privado, contra um conjunto de valores caipiras, contra um certo “nós sabemos que”, “nós pensamos que” é que gritam os heróis rothianos. É como se seus protagonistas estivessem contaminados pela fúria libertária que um dia gerou aquele individualismo em estado puro que encontrou em Thoreau e Whitman, seus dois maiores porta-vozes. Portnoy, Sabbath, Coleman Silk, Zuckerman encarnam a batalha inglória contra uma vida social que os oprime e os tolhe. Resta-lhes buscar no sexo (última fronteira do individual) a força capaz de vencer a opressão dos costumes e, por fim, a morte (quarta e última temática do autor), mesmo que não seja mais que uma vitória momentânea, ou como diz Kepesh, o mais renitente de seus personagens masculinos: “Sexo não é apenas fricção e divertimento raso. Sexo é também vingar-se da morte. Não se esqueça da morte. Jamais a esqueça! Sim, o sexo também tem um poder limitado. Conheço muito bem seus limites. Mas me diga, que poder é maior?” (ROTH, 2006b, p. 69).

Em *Indignação*, quero crer que seja possível enxergar todas essas temáticas que marcam sua obra, e que nós, antigos membros da seita, já conhecíamos. Por sorte, atualmente a Companhia das Letras acompanha *pari passu* os lançamentos de Philip Ro-

th, traduzindo-os a uma velocidade surpreendente, pelo menos no que diz respeito aos seus três últimos livros, *Homem comum* (2006a), *O fantasma sai de cena* (2008b) e *Indignação* (2009), além de colocar no mercado um antigo livro de entrevistas com outros escritores, *Entre nós* (2008), e a tradução inédita de *Adens, Columbus* (2007), em versão de bolso.

Indignação, quase uma novela em sua extensão, tem como protagonista o jovem Marcus Messner, judeu do subúrbio de Newark, o *locus amenus* (talvez fosse melhor *turbulentus*) de Philip Roth, e o ano é 1951. Preocupado com a possibilidade de o filho ser recrutado para a Guerra da Coreia, seu pai, um açougueiro *kosher*³, faz de tudo para protegê-lo, chegando a ponto de quase sufocá-lo com tanto zelo. Para fugir a essa opressão, quase como nas velhas tragédias gregas (a fuga que leva ao encontro do destino temido), Marcus acaba indo estudar no meio-oeste, no Winesburg College, um centro altamente conservador (e não há como deixar de mencionar a referência ao clássico da vida interiorana americana de Sherwood Anderson, Winesburg, Ohio), onde logo se vê condicionado a viver num dormitório de estudantes judeus, com os quais acaba por se desentender. Está em jogo, mais uma vez, a necessidade de não pertencer aos grupos preestabelecidos, a não estar condenado a cumprir um papel histórico, um papel imposto pelo destino, o tema da desmedida, da *hybris*, força capital em *A marca humana*.

Uma curiosidade do livro, que se revela na altura da página 54 do original, é a revelação de que o narrador, Marcus, está morto, transformando, à maneira de *Memórias Póstumas*, o caráter realista da narração. De fato, é um fantasma, um espírito quem nos conta a história desde esse nada de que se compõe no livro o pós-vida, ausência em que se tem um tempo infinito para reavaliar a memória. Que tipo de paraíso ou inferno poderíamos considerar

essa eterna re-encenação do vivido?

Aquilo que lemos, exceto um estranho epílogo em terceira pessoa, quando nos são dadas as informações sobre os ferimentos fatais do protagonista, é a revisão perpetrada por Marcus de sua vida no subúrbio e da série de fatores que o levaram a ser expulso da universidade, expulsão que o levaria a ser o único entre seus colegas a morrer na terceira guerra internacional em que seu país se envolvia em menos de 40 anos. Tivesse sido capaz de suportar as convenções sociais, os ritos de passagem e de concessão ao establishment e teria sobrevivido. Não pela primeira vez, encontramos Philip Roth trabalhando com um de seus futuros possíveis, o que teria acontecido se um judeu de Newark, de idade quase semelhante à dele, tivesse, por exemplo, seguido a trajetória de Marcus.

Ponto capital da trama será a relação do narrador com Olivia Hutton, uma jovem à frente de seu tempo, quase como uma das *gutter girls* que assombrariam o campus do professor Kepesh, em *O animal agonizante* (ROTH, 2006b), nos anos 1960. Olivia é liberada sexualmente e, num encontro que os dois têm no carro, pratica, de forma espontânea, sexo oral em Marcus. Eis o evento que desencadeia a perda do narrador, incapaz de lidar com a força explosiva e ao mesmo tempo destrutiva desta garota avessa ao recato e ao puritanismo que imperava na América pré-revolução dos costumes. Após a cena de felação quase hilária, surge a passagem, a meu ver, mais poderosa do livro, um daqueles momentos em que Roth mostra sua coragem singular como autor, lidando com cenas que, na mão de outros escritores, poderiam descambar para o melodrama ou para o ridículo. (Penso aqui claramente em algumas cenas antológicas de livros anteriores, como Sabbath lambendo dos dedos o sêmen de um dos admiradores de Drenka, que fora se masturbar sobre sua cova, ou o beijo na boca que o amigo de

Kepesh, entrevado após um derrame, pede-lhe à guisa de adeus, ou a cena em que Consuela pede, no mesmo livro, que o velho professor sinta o câncer que cresce dentro de seu seio magnífico, e como esquecer da dança colada de Zuckerman e Coleman Silk ao som de um velho jazz em *A marca humana?*) Aqui, Marcus recebe uma carta de Olivia e, desesperado para ter por inteiro aquela garota que jamais seria capaz de compreender em vida, começa a sorver a caligrafia de sua assinatura.

Encostei a boca na página e beijei o “O”. Beijei e beijei. Então, num impulso, comecei a lamber a tinta da assinatura com a ponta da língua e, tão paciente quanto um gato diante do vaso de leite, lambi até não haver mais “O”, “I”, “V”, o segundo “I”, o “a” – lambi até que a curva final desaparecesse de todo. Eu havia bebido sua escrita. Havia comido seu nome. Tive de fazer um grande esforço para não comer a coisa toda (ROTH, 2009, p. 121).

Se *Indignação* talvez não possa, até por suas premissões, ser incluído entre as maiores obras de Roth, Olivia seguramente figurará na galeria das grandes personagens femininas do autor. Acusado muitas vezes de ser um autor masculino (o que quer que isso possa significar), o que rendeu diversas polêmicas, Philip Roth parece ter uma inesgotável capacidade de criar mulheres de um erotismo redentor, capazes de usar o sexo para catalisar e transformar as ações em um mundo banal e mesquinho, mundo que, como a verdadeira literatura, tentam a muito custo seduzir e subverter. Por alguma razão, mas isso seria assunto para outra ocasião, os heróis rothianos acabam aniquilados na batalha. Consuela Castillo, ainda que mutilada pela futura cirurgia, se constitui em uma possível saída para Kepesh. Faunia, na sua rudeza de faxineira, leva Coleman consigo, salvando-o, de certo modo, do rancor e do

ostracismo. Olívia era um atalho no tempo. Não para Marcus, não para nós leitores, que, pelo artifício inexplicável da ficção (e da vida), sempre sabemos de tudo tarde demais.

NOTAS

1 Não judeus.

2 *Philip Roth's 21st Century*. Entrevista para Mark Lawson. *Mark Lawson Talks to...*BBC4, Londres. 3 June 2006. Em entrevista concedida a Sergio Dávila, para a Folha de S. Paulo, a FOLHA pergunta e ROTH responde:

FOLHA – O ataque do 11 de Setembro aparece brevemente em “Homem Comum” e um pouco mais em “Exit Ghost”, seu livro mais recente. Quanto o evento o afetou?

ROTH – Como autor? Nada. Como pessoa? Fiquei com raiva, sem fôlego, achei uma tragédia. Mas o pior de tudo foi o uso do ataque pelo governo de Bush, para justificar uma guerra desnecessária. Se o 11 de Setembro tivesse acontecido, mas não a Guerra do Iraque, as coisas seriam muito diferentes, o ataque teria apenas o significado que realmente teve. Mas foi cinicamente explorado para justificar a guerra. Muito mudou, é claro, os americanos não se sentem mais tão confiantes quanto antes e o governo George W. Bush formou sua agenda em torno das consequências do ataque. Mas tudo poderia ter sido muito diferente. Disponível em: <http://subrosa3.wordpress.com/2007/09/15/entrevista-philip-roth/>. Consulta em 17/09/2009.

3 Equivalente a *kasher*, significa apropriado para o consumo, de acordo com a lei judaica.

REFERÊNCIAS

REMICK, David. *Dentro da floresta*: perfis e reportagens feitas para a revista *The New Yorker*. Trad. Celso Nogueira, Álvaro Hattner e Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROTH, Philip. *Adeus, Columbus* [1959]. São Paulo: Edibolso, 1976; edição de bolso São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Complexo de Portnoy* [1969]. São Paulo: Edibolso, 1976; São Paulo: Abril, 1982.

_____. *Our gang* (starring Tricky and his friends). New York: Random House, 1971.

_____. *O professor do desejo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

_____. *The ghost writer*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1979.

_____. *Lição de anatomia*. Trad. Lya Luft. Porto Alegre: L&PM, 1983.

_____. *Patrimônio*: uma história real. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Siciliano, 1991.

_____. *Mentiras*. São Paulo: Siciliano, 1991b.

_____. *Operação Shylock*: uma confissão. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O teatro de Sabbath*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Pastoral americana*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Casei com um comunista*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *A marca humana*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Complô contra a América*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Homem comum*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a.

_____. *O animal agonizante*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006b.

_____. *Zuckerman bound*: a trilogy and epilogue 1979-1985: *The Ghost writer / Zuckerman unbound / The anatomy lesson / The prague orgy*. New York: Library of America, 2007.

_____. *Entre nós*: um escritor e seus colegas falam de trabalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Fantasma sai de cena*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.

_____. *Indignação*. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.